

“Rua das Reminiscências”

*Newton Reginato
Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP*

Fim de inverno, início de primavera. Aqui na Mantiqueira o clima mostra-se indeciso, ora ensolarado, ora nublado, prometendo chuva fraca e esparsa que não vem, em alguns momentos abafado e seco, ventoso e poeirento, dependendo do local e da altitude, com oscilação de temperatura durante o dia e leve declínio durante a noite, situação comum nesta época do ano. Logo, logo, a mata toma força e encorpa, e com a chegada do verão toda a cadeia montanhosa será banhada por aguaceiros diários e prolongados, somente amenizados na estação seguinte. São, praticamente, três meses de chuvas. No outono elas escasseiam e começa a esfriar paulatinamente, e quando o inverno chega ... esfria.

Lembro-me bem. Era um sábado de inverno a tarde. Sinto frio e troco a blusa de lã por um *poncho frontera*. Adentro o meu escritório, abro a janela e olho a agitação da mata em volta da minha casa e além. O tempo estava carrancudo, com nuvens grossas sendo empurradas por um vento gelado causador de um declínio abrupto da temperatura. Passados alguns instantes, uma chuva pesada e rápida caiu, trazendo com ela, a tira-a-colo, uma cerração densa e opalizante da paisagem, fazendo-me sentir uma espécie de quietude íntima apenas quebrada pelo “tic-tac” de um relógio-cuco, presente de casamento ganhado pelos meus pais.

Continuo a olhar pela janela e acolho o abraço frio do ar que entra e envolve todo o ambiente com naturalidade. Sento, revolvo tabaco em silêncio ainda olhando para a paisagem esbranquiçada, e preparam meu cachimbo que acendo e baforo cadenciadamente após a seleção de um clássico, e a fumaça azulada, somada ao som da melodia, envolve o meu pensamento fazendo-me regressar no tempo, e vejo-me aportando na Rua Maria Marcolina, na Capital, depois do encerramento das atividades comerciais, fazendo um percurso

a pé do Largo da Concordia, no Brás, até a Praça Padre Bento, no Pari.

Eu era bem jovem.

Caminho por aquela rua e vejo-a exibindo, como sempre, as suas edificações fuliginosas, suas calçadas sujas, e o seu asfalto engordurado. Na calçada oposta à minha um cão magro perambula à cata de comida; deste lado de cá – o meu – um gato solitário faz o mesmo. Sacos e mais sacos de lixo enfeitam as frentes das lojas, e alguns poucos botecos – três ou quatro – estão todos com as suas portas fechadas. Não há ninguém na rua, nem carros em trânsito, apenas um ou outro estacionado aqui, lá e acolá, cuja monotonia só foi quebrada pela passagem de um ônibus de linha quase vazio, cumprindo o seu itinerário, que não parou em ponto algum, deixando o seu rastro de fumaça; e uma garoa fina começou a cair forçando-me acelerar o passo.

Vencido o cheiro desagradável de óleo-diesel queimado expelido pelo coletivo, um outro diferente, leve e sutil, vindo de uma sobreloja qualquer, senti, fazendo-me lembrar *esfihas*, *kibes* ou *kaftas* em preparação, e num determinado momento sinto a estranha sensação de estar sendo observado.

Mantive o passo, atento.

Procurando desvendar a realidade (ou não) do dito sentimento, volto a minha atenção para os edifícios de três e quatro andares erguidos sobre salões comerciais do outro lado da rua, e notei que uma mulher, de braços esguios e mãos morenadas, provavelmente bela e atraente, olhava para mim enquanto fechava, suavemente, o cortinado da janela do seu apartamento, um olhar – assim pude perceber – que adornava um rosto parcialmente (ou totalmente?) velado. Convencido de que a estranha sensação por mim sentida não era fruto da minha imaginação, sorri para aquela mulher jamais sabendo se fora ou não retribuído.

Pensativo, segui em direção ao meu destino fazendo-me indagações.

Quem é ela? Quais encantos aquela mulher jovem ou madura, casada ou solteira, certamente muçulmana, oculta por detrás daquele véu, daquele *niqab*, daquele *hijab*, ou daquela *burca*, indumentos totalmente diferentes, embora semelhantes, mas indistinguíveis à minha visão no momento,

diante da relativa obscuridade reinante no interior daquele ambiente doméstico? Como seria a sua voz, o seu sorriso, o seu olhar, o seu semblante, o seu corpo, o odor da sua pele (rosas, jasmim, baunilha, açafrão, âmbar?), sua aparência enfim, caso fossem desvelados? E o seu nome: qual seria o seu nome? Jamile, Samira, Khadija, Thamiris, Laila?

Era-me impossível responder, sequer imaginar, porque o seu rosto, certamente, eu nunca chegaria a ver, olhar e tocar, tampouco o seu nome perguntar.

Assim, contentei-me em imaginá-la personagem de um exótico filme rodado nos bazares das “Mil e Uma Noites” impregnados do *bakhoor* dos incensários ou do *mu’assel* dos narguilés, ou nas areias do deserto, entre caravaneiros, sob um sol ardente, ou ao frescor das brisas numa noite de luar no recolhimento dos oásis ou dos caravançarás do crescente.

Mas dando azo a um *djim galhofeiro* por me lembrar de um quadro existente na minha casa, segurei o riso ao ideá-la como uma (possível) velha marroquina enrugada e desdentada.

E continuei em frente, com os passos largos e rápidos da minha juventude por aquela calçada úmida, envolto, agora, noutros pensamentos, da mesma forma que hoje, a passos lentos e curtos sustentados por uma bengala, caminho pela “Rua das Reminiscências” neste outono quase findo da minha vida, ainda sentindo, por encantamento da memória, o velho mocassim, as mãos enfiadas nos bolsos de um grosso casaco para aquecê-las, a maciez de uma calça “Lee” desbotada, e os cabelos molhados – hoje extintos – por uma fina garoa.

Eu tinha dezenove anos naquela época, e décadas se passaram.

Entardeceu. O frio acentuou a sua presença e a fumaça mágica do tabaco, agora findo, desvaneceu-se, tal como um ser etérico que, surgindo das brumas por evocação, para elas retornou sorrindo após deixar a sua dádiva ao som de uma exótica melodia, e sinto-me tocado e convocado a despertar do meu sonho mnemônico.

É Erik Satie que me acorda para a realidade, com a sua serena e melancólica “Gymnopédie”.

São dezessete e trinta.
